

*Aceitamos o desafio de refletir bíblicamente sobre a morte.*

*Três são as razões principais.*

*a) A violência e a morte tornaram-se uma realidade sempre mais presente no mundo em que vivemos. No momento em que a nossa sociedade parece estar buscando, de maneira sempre mais irrequieta, uma cada vez melhor qualidade de vida, os sinais de morte crescem de maneira incontrolável: vidas de povos inteiros são sacrificadas ao Moloc do progresso incondicional; a natureza está sendo contaminada de morte, queimada, sufocada pelas fumaças do desenvolvimento; até nos canais da internet trafegam projetos de morte.*

*Uma das mil facetas da globalização é a globalização da morte, não como realidade universal e inevitável do ser humano, mas como subproduto de uma violência sempre mais global e cada vez menos preocupada com a vida dos outros.*

*b) A proximidade do terceiro milênio não deixa de provocar ansiedades e expectativas nervosas em muitas pessoas. É como se a humanidade estivesse sendo chamada a uma prestação de contas global. É como se estivéssemos, de alguma forma, chegando a um fim. Isso nos faz pensar na inexorabilidade do tempo que a tudo põe fim, a todos corrói.*

*c) O terceiro motivo que nos levou a refletir sobre a morte é mais teológico.*

*O ser humano, com medo da morte, corre sempre o grande perigo de transformar a morte em “religião” e, assim, poder controlá-la.*

*Esta atitude pode nos levar, de um lado, a considerar como secundária e insignificante a vida humana, a vida corporal e, com isso, a aceitar passivamente o sistema de dominação que nos oprime. É o clássico “ópio dos povos” de que falava Marx.*

*Fazer da morte uma “religião” pode, por outro lado, produzir um fanatismo sempre incontrolado e capaz de legitimar torturas, extermínios e genocídios. É a lógica da guerra santa. Aliás, a guerra sempre acaba sendo considerada “santa”, pelo menos pelos vencedores. É sempre muito bom lembrar que “santas” foram as cruzadas e “santa” também foi chamada a inquisição do “santo” ofício.*

*Estas foram as razões que nos levaram a organizar uma reflexão bíblica sobre a morte, sem, com isso, pretender encontrar respostas e receitas a desafios tão grandes. Nem mesmo sei se conseguimos escapar da armadilha de fazer da morte*

uma “religião” ou se, em algum momento, dissemos, com palavras aparentemente novas, as mesmas coisas de sempre. Não importa.

Mesmo assim, valeu a pena fazer este esforço. Outros deverão contribuir.

Nem todos os convidados aceitaram, sobretudo por falta de tempo. É por isso que este número é mais enxuto do que o normal. Talvez os leitores nos agradeçam por isso.

Ana Maria e Sandro de Macapá produziram três textos.

Coelet foi o ponto de partida para os dois primeiros. Afinal Coelet continua sendo o texto que melhor consegue, desmitificando e até ironizando, olhar a morte cara a cara, evitando cair na cilada alienante da imortalidade.

Ana Maria nos surpreende ao afirmar poeticamente que somente Adam foi condenado a “virar pó”. Eva, “a mãe de todos os viventes”, continuará sendo a “árvore da vida”, mesmo fora do jardim. É por isso que ela denuncia com veemência uma religião quando esta quer separar o pó do espírito, como se somente o espírito fosse de Deus e não o pó. Nesta perspectiva a verdadeira vida seria somente a vida do espírito, lá no paraíso.

“No xeol, para onde vais, não existe obra, nem reflexão, nem conhecimento, nem sabedoria”, afirma Coelet. Então a alma, depois da morte, não terá mais o que fazer.

O jardim “paraíso” deve ser reconquistado, apesar dos querubins, porque Jesus veio ao mundo para que todos tenham a vida e a tenhamos em abundância.

Eva, mesmo chorando, só aceita duas maneiras de morrer. Aquela que vem depois de uma vida longa e aquela de quem dá sua vida para que todos tenham vida. Contra todas as demais formas de morte Eva continuará lutando. Sempre!

Continuando sua reflexão, nesta mesma linha, Ana Maria e Sandro enfrentam o desafio de entender a afirmação de Coelet 7,26: “A mulher é mais amarga do que a morte!”

Não é possível encontrar uma mulher sequer entre mil, mas podemos, com evidente satisfação masculina, encontrar pelo menos um homem.

Pessimismo? Misoginia? Cultura patriarcal? Realismo?

Nada disso. O conflito está posto entre a mulher e a “sabedoria”. Percorrendo a literatura sapiencial, chega-se à conclusão de que sábio e mulher parecem incompatíveis. A razão e o sentimento, a lógica e a sedução, a alma e os sentidos. Parece que o sábio não consegue falar bem da sabedoria sem, ao mesmo tempo, falar mal das mulheres, de todas as mulheres que se recusam a ser a “mulher forte e talentosa” de Pr 31,10, perfeita servidora na casa do sábio.

Coelet, com decisão, resgata a memória do Gênesis que os “sábios” são incapazes de enxergar, a essência do projeto de Deus: o adam e a ishá, juntos e bons.

Tudo estava bem até que eles “procuraram muitos sentidos”. Até que começou a “sabedoria”. Aí veio a morte. Por culpa dos sábios, não da mulher.

Em nome de todas as mulheres Coelet afirma que o sábio nunca encontrará a mulher que busca. Não porque não existe a mulher ideal, mas porque mulher não é isso que a sabedoria masculina projetou: ishá só é do jeito que o Criador quis!

E, por fim, Sandro trabalha o livro deuterocanônico da Sabedoria. É um texto que reflete de maneira mais orgânica sobre a morte, a vida, a ressurreição e a imortalidade. O autor situa este texto em Judá e o lê a partir do conflito provocado pelo massacre dos fariseus ordenado por Alexandre Janeu. Em evidente polêmica com a cultura globalizante do mundo greco-romano, este livro questiona os conceitos gregos de sabedoria e de imortalidade e afirma com todas as letras que a “justiça de Deus é imortal”. A morte violenta dos fariseus provocada pela crueldade de Alexandre não significa o fim da vida. A morte não é páreo para a imortal justiça de Deus. A suprema sabedoria consiste na afirmação de fé: Deus não criou a morte. Sua mão poderosa, capaz de uma justiça imortal, é que vai guardar para sempre a vida dos justos.

Esta afirmação de fé obriga os fariseus a repensar toda a proposta da teologia precedente baseada sobre o conceito de retribuição. Reeditando a antiga memória do Servo de Javé, o nosso texto proclama que a própria perseguição e a morte do “justo” podem vir a ser o sinal da bênção de Deus.

Carlo Roberti do Piauí colabora com uma reflexão interessante, aprofundando a diferença entre ressurreição e imortalidade. Andando através da história, desde o início até a produção da literatura apocalíptica, ele reorganiza o caminho feito pelo povo a respeito da morte e afirma a dimensão coletiva e revolucionária do conceito de ressurreição.

A fé na ressurreição do povo está fundada sobre a fidelidade de Deus à sua promessa que se realiza dentro da história. É a esperança que, em tempo de crise, se renova e se consolida, sobretudo dentro da grande tradição apocalíptica.

A dimensão pessoal da ressurreição não pode ser lida fora desta perspectiva.

Foi assim também com a ressurreição de Jesus. Deus assinou embaixo toda a vida de seu Filho garantindo a vitória final de quem morreu para a vida de todos.

Ser testemunhas da ressurreição significa crer e participar do novo que surge na história e que lhe proporciona um futuro possível. É realizar o sonho de Deus: “que todos tenham vida”.

Francisco Rubeaux do Pará mais uma vez nos dá uma contribuição a partir do Evangelho de João, seu xodó bíblico. Ele aprofunda um dos binômios mais marcantes do quarto evangelho: o binômio vida-morte. Sua reflexão gira ao redor do relato da ressurreição de Lázaro. Os cristãos das comunidades joaninas, e os de hoje, imaginavam que a fé no Cristo vivo e ressuscitado os isentaria da doença e da morte. Este

*episódio mostra a pedagogia usada por Jesus para que Marta e Maria cheguem a enfrentar a doença e a morte dentro deste movimento que avança rumo ao seu objetivo final que é a vida para todos. Como as mulheres de Betânia, precisamos crer que a Ressurreição e a vida, que estão entre nós, não significam a ausência da morte, mas a nossa capacidade de crer na vida plena, a vida divina que ultrapassa os limites da morte.*

*Este ato de fé não é somente esperança para um futuro melhor, mas uma força de vida para hoje que nos ajuda a enfrentar todas as formas de morte que quotidianamente invadem nossa existência. "Se chegares a crer, então verás a glória de Deus".*

*Josimar Azevedo do Pará encerra este número. Ele nos oferece uma abordagem de uma temática bíblica com enfoque sistemático. Seu ponto de partida é a sociedade moderna que tenta ocultar e neutralizar a morte pelo silêncio ou pelo excesso de palavras. Eutanásia, longevidade, rejuvenescimento, fazem do cientista o novo deus capaz de manipular a morte, mas não conseguem evitar a presença inquietante de milhares de acidentes de percurso.*

*O mito da igualdade de todos perante a morte mascara o sistema de desigualdade que ela favorece.*

*O medo da morte e o medo, sobretudo, do castigo eterno, transformaram-se, por muito tempo, em anúncio da violência de um Deus soberano que se sente ofendido pelos delitos da humanidade e por isso castiga.*

*A literatura apocalíptica, segundo o autor, mesmo tendo sido um meio para manter a esperança, tem sido interpretada, em suas imagens, como um forte potencial ameaçador. É por isso que se faz necessário redescobrir estes textos, anunciando, com fidelidade, a sua proposta de vida.*

*O ser humano não é um ser para a morte, mas para a vida. Isto significa afirmar e ao mesmo tempo superar a morte. A vivência de nos sentirmos sempre diante do horizonte da morte dá às nossas ações um caráter urgente e irrepitível, profundamente humano e divino.*

*O leitor atento encontrará divergências, nem sempre pequenas, entre os próprios autores que escreveram estes ensaios. Isso é sinal da riqueza e da dificuldade do assunto. É a sua vez de dar mais uma contribuição. Esperamos ansiosamente por ela.*

*Uma boa leitura.*

Sandro Gallazzi